

## **Sem contra indicação para ser e aprender**

Beatriz Pinheiro M. Mazzolini

Conviver com Alícia Fernández e estudar sua abordagem - que transcende o processo de aprendizagem e ensino -, instiga-me a apresentar um tema tão caro a todas(os) nós, ao mesmo tempo em que posso fazer uma pequena homenagem a ela. Questões sociais, de educação, de desenvolvimento humano aparecem em sua obra, levando-nos a muitas reflexões, como a das características essenciais a uma prática profissional não medicalizante.

Práticas profissionais que favorecem a vida do ser humano, sua saúde física, mental e espiritual, precisam considerar o modo como são fundamentadas nas diferentes situações – do cotidiano, educacionais ou outras - e o modo como o profissional se posiciona em relação às ações que adota, e como concebe sua visão de ser humano e de mundo.

Ao refletir acerca de práticas profissionais que possam colaborar no desenvolvimento humano, é necessário considerar que as pessoas que as executam sejam capazes, entre tantas outras coisas, de:

- Ter um olhar (mirada) e uma escuta diferenciados.
- Promover a capacidade de pensar.
- Oferecer tempo e espaço.
- Resgatar/recuperar a alegria e a esperança.
- Promover a emergência do humor.

Uma série de características que podem parecer simples e óbvias, mas que fazem grande diferença nas relações interpessoais e grupais, principalmente nas que envolvem pessoas que aprendem e ensinam, em qualquer situação.

Alícia propõe uma visão aberta e abrangente para as diferentes capacidades humanas, fundamental para que se possa ter um olhar/mirada e uma escuta diferenciados para as potencialidades humanas. Olhar, escutar, valorizar e apostar nas singularidades de cada pessoa é completamente diferente de apontar e acentuar suas dificuldades, déficits ou incapacidades.

É preciso saber olhar e escutar as pessoas, auxiliar a se descobrirem humanas, potentes, criativas, pensantes, e autoras de suas próprias vidas. Ao

fazer isso, o profissional também se descobre humano, potente, criativo, pensante e autor. Somos e estamos todos em devir, e é importante que façamos por nós o que fazemos pelo outro.

O que alguém pretende fazer a outro, tem que praticar consigo mesmo, contatar com as próprias fraturas na aprendizagem, com a história de aprendizagem pessoal, com as personagens *ensinantes e aprendentes* de si mesmo, e ver como jogaram e seguem atuando. (Fernández, 1990, p. 130).

Alícia compartilha uma cena que vivencia em Buenos Aires, em que assinala o valor subjetivante de quem ocupa a posição ensinante. Ela está em uma das salas de um hospital e a alegria e espontaneidade dos funcionários chama sua atenção, pois eles se despedem de um senhor. Ela narra o seguinte:

*O silêncio da sala de espera é interrompido pela alegria contagiante de médicos e enfermeiras, despedindo-se de um homem de seus 80 anos, que está recebendo alta hospitalar após 40 dias de UTI entre a vida e a morte. A comovedora situação incita-me a aproximar-me do ancião quando ia caminhando – já sozinho – pelo corredor.*

- *Quero fazer-lhe uma pergunta – digo.*

- *Você tem tempo de me escutar? Responde, oferecendo-me, de entrada, a primeira reflexão que me faz pensar quantas vezes perguntamos, sem oferecer tempo para escutar. E, ao olhá-lo, surge a pergunta:*

- *De onde o senhor tirou forças para se curar?*

- *Essa é uma longa história. Se quiser, eu conto. Tenho 83 anos, tive um acidente na rua e me trouxeram inconsciente. Escutava tudo o que os médicos falavam, mas eu não podia falar. Dava-me conta que eles diziam que eu ia morrer. Eu pensava que queria dizer-lhes: quero viver. E não me saíam as palavras. Então, comecei a pensar em alguém que tivesse acreditado em mim e assim, depois de tanto tempo, recordei-me da professora Teresa, minha terceira professora. Quer que siga contando?*

- *Sim, me interessa. O que recordou?*

- *O modo como me olhava, me escutava... Desde que comecei a escola, os professores diziam à minha mãe que eu não ia aprender a ler e escrever. Por um tempo, deixei de ir à escola, “não vai aprender tudo”. No ano em que retornei, porque tinha muita vontade de aprender, e tive outra professora, repetiu-se a mesma história, voltaram a me tirar da escola. No ano seguinte, insisti pela terceira vez e então conheci a professora Teresa. Lembrei-me dela 70 anos mais tarde, estando em Terapia Intensiva, quando eu queria tirar forças para me curar...*

- *E o que foi que o senhor recordou sobre ela? – perguntei.*

- *Me lembrei que ela me olhava como que dizendo: VOCÊ PODE...*

(Fernández, 2012, pp. 215-216)

A experiência mostra a importância de se ter um olhar e uma escuta diferenciados às singularidades das pessoas e aos acontecimentos que estão à nossa volta. Alícia, por meio de sua curiosidade saudável – fundamental ao processo de aprendizagem -, vai em direção à alegria das pessoas, e estabelece com um senhor uma relação inter-humana. Após conversar vê sentido na

história, compreende o que ele conta e pode compartilhar com outros, por meio da escrita. E os outros também participam ao ler o relato e compreender a importância das relações que aproximam pessoas, permitem diálogos e promovem o aparecimento da criatividade e da autoria. O relato apresenta os olhares excludentes, de descrença – das docentes que antecedem a professora Teresa - e o olhar inclusivo, promotor de confiança, que o velho/menino guarda na recordação e consegue ter acesso em um momento de necessidade.

A experiência faz sentido para Alícia, pois ela trabalha com as lembranças de histórias de aprendizagem – que mobilizam sentimentos, dores, criatividade, potência e autoria. A lembrança guardada desde menino do olhar da professora, que aposta no seu potencial, e lhe assegura a capacidade de aprender como qualquer criança. É preciso cultivar esse olhar que favorece a integração, a potência e a realização de alguém. É preciso acessar o olhar diferenciado, o olhar que soma algo a alguém, o olhar capaz de incluir sem rotular, que promove capacidades, em detrimento do olhar estreito, que apequena o ser humano, que segrega e adocece, pois só vê a falta ou a dificuldade.

Referências a esse olhar especial são constantes nos escritos de Alícia, pois ela vai somando detalhes e enriquecendo essa capacidade de “mirar”/olhar flexível - e de poder também ver e desver as pessoas e o mundo.

O organismo provê a visão, mas o corpo (que é atravessado pelo desejo e pela significação na relação intersubjetiva), constrói o *olhar*. Aprendemos a olhar com a marca daqueles que nos olham. Os olhos facilitam o ver, mas não o garantem; por isso, os cegos podem aprender a ver com os dedos e através dos poros de toda a pele. (Fernández, 2012, p. 24).

A promoção da capacidade de pensar é um desafio do processo educativo – ampliar o âmbito do pensável. E é esta capacidade de pensar que distingue o ser humano de todos os outros seres vivos. Ao permitir que a criança siga pensando a partir de si mesma, o profissional auxilia que ela possa ser criativa, autora, sem precisar repetir sempre ou submeter-se às ideias dos outros.

Fernández (2001a) cita o jogo dramático de João, menino de cinco anos, e um tipo possível de intervenção, que permite que ele se aproprie de seu modo de pensar, de sua autoria. O menino brinca e cria um ladrão que não rouba. João ouve a seguinte intervenção: “Que interessante, João, você pensou em um ladrão que não rouba. Todas as pessoas pensam os ladrões roubando. Pode ser ladrão e não roubar sempre” (p. 90). Outro modo de intervir na situação segue o

caminho da lógica, e a pergunta para João é direta: - como pode haver um ladrão que não rouba?

Intervenções que levam João a pensar a partir de lugares diferentes. No primeiro, o menino recebe um comentário que considera interessante o que ele pensa e fala. Isto pode fazê-lo sentir-se interessante também, pois apropria-se de sua autoria de pensar e pode começar a sentir confiança em si mesmo, para seguir pensando e aprendendo. No segundo, ele recebe um questionamento porque fala algo que não segue a lógica já conhecida – todo ladrão rouba - e João sente-se desaprovado, errado, submetido a ter que pensar algo previamente determinado. Isto pode fazê-lo sentir-se inseguro em relação ao que fala e pensa, e ele pode escolher ficar calado ou assumir outra atitude que não favoreça o jogo do pensar e de se sentir autor de seu pensamento.

Fernández (2001c) afirma:

Trabalho com a noção de autor, como autor da obra e, reciprocamente, ele mesmo criado pela obra que está criando. Esse autor produz-se quando se reconhece criando, quando sua obra mostra-lhe algo novo dele que não conhecia antes de modelá-la.

A autoria de pensamento supõe diferenciação, agressividade saudável, “re-volta íntima” e, a partir disso, possibilidade de reencontro com o outro. Acesso ao nós. (p. 70).

O profissional precisa ser capaz de oferecer tempo e espaço para que a pessoa possa relatar, pensar, brincar, usar a criatividade, sentir-se autora, entre outras coisas. Para Alícia, um dos objetivos do trabalho psicopedagógico, em resumo, é abrir espaços objetivos e subjetivos de autoria de pensamento – e isso não é pouca coisa. Para que isso possa acontecer, a pessoa – seja ela criança, adolescente ou adulto - necessita de tempo e espaço para viver experiências que tenham começo, meio e fim. “A postura psicopedagógica que sustento é uma aposta em propiciar modalidades de aprendizagem que potencializem possibilidades singulares de cada pessoa, oferecendo-lhe espaços objetivos, subjetivos, lúdicos, onde possa realizar experiências com ensinantes que favoreçam esse processo.” (Fernández, 2001b, p. 71).

Alícia narra outra experiência que vive em uma escola pública na Grande Buenos Aires, em que ela participa como convidada da orientadora educacional. Os professores ajudam financeiramente com o lanche dos alunos por causa da crise, mas a situação fica insustentável – salários baixos. Alícia, na escola, reúne as pessoas que querem participar para pensar soluções e o local da reunião é o

refeitório. Estão presentes alunos e funcionários e Alícia, no meio de tantas pessoas, conversa com elas e se lembra do povoado de Assaré, no Nordeste do Brasil, como um lugar onde se usa a escrita como arma. Nesse povoado as pessoas escrevem o que sentem e pensam, e os que não sabem escrever pensam e ditam a outro. As escritas são colocadas em um varal, como roupas estendidas ao sol e ao vento - são os pesares tornados pensares. As escritas não são vendidas, são expostas para serem compartilhadas com os outros “para tornar público o que se deseja e se pensa”. (Fernández, 2004, p. 10).

Alícia propõe que façam algo semelhante e o movimento de todos é surpreendente. Ela abre um espaço, um “lugar para deixar falar a falta de comida”. (idem, p. 13). Alícia conta coisas, tece comentários, e as pessoas conversam entre si a respeito de suas produções escritas. Ela circula pelo grupo e, ao passar ao lado de Julián, percebe que ele olha para o vazio. O menino sente o olhar dela em seu trabalho e logo diz: “não fiz nada”. Alícia olha para a produção e vê que ele faz algo. Ele traça com força nas bordas da folha branca, rabiscos, que formam uma moldura que contorna toda a margem da folha, deixando o centro em branco. Alícia olha para a página *em* branco emoldurada, Julián olha para ela. Ela pensa:

e seu “não fiz nada” começa a “fazer sentido para mim”. Então lhe disse:

- Não é certo que não fizeste nada. Empréstame sua folha?

Julián estendeu sua mão, nos alcançou, distanciamos a folha e nos colocamos a seu lado. Depois de uns segundos Julián disse:

- Podes escrever o que eu te dito? Aí no meio não. Em um papelzinho pequeno como nos museus quando põem abaixo do quadro um letreirinho.

Então Julián ditou:

- “Este foi meu café da manhã hoje. Será também meu almoço?” “Agora sim o colocamos com os demais” disse Julián e o expomos na corda. (Fernández, 2004, p. 14, tradução livre do castelhano por Beatriz Mazzolini).

A prática não medicalizante: olhar e ouvir alguém em sua singularidade dentro de um grupo, oferecer tempo e espaço para que o outro possa viver uma experiência completa. Perceber um saber em uma produção qualquer e assinalá-lo, oferecendo outro lugar para que a pessoa veja e reconheça a própria obra e se reconheça nela - a obra faz nascer o autor. Um autor que, ao perceber sua produção sustentada pelo outro, a reconhece como expressão de seu si mesmo, de seu sentimento, de sua realidade interior, em um processo que é devir, e pode acessar o nós, expressar-se na realidade do mundo.

A capacidade de resgatar/recuperar a alegria de aprender e a esperança de viver precisa fazer parte do modo de intervir nos processos de aprendizagem. A alegria ao encontrar-se com a diversidade, com a surpresa e a espontaneidade pode ser considerada como “algumas das fontes nas quais se nutre a autoria e que são, por sua vez, os ingredientes básicos da capacidade atencional.” (Fernández, 2012, p. 16). Alícia refere-se à alegria crítica e não ao alegrismo.

Recuperemos a alegria.

A terra onde nasce foi asfaltada. O cimento que a asfixia está composto de tédio, abulia, tristeza, aborrecimento, desesperança.

A tristeza não é a responsável por amordaçar a alegria. Tampouco é a angústia. Pelo contrário, sentir angústia é a mostra de que, por debaixo do cimento, ainda resta uma terra fértil. Terra úmida, húmus humano, por onde pode brotar a autoria que irá rachar o cimento.

Pelo pavimento do tédio deslizam facilmente frustração, anorexia, bulimia, inibição cognitiva, síndrome do pânico e drogas (as ilegais e também as receitas). As crianças, brincando na intempérie da frustração asfaltada dos adultos, talvez busquem com “inquietude”, “hiperatividade” e “desatenção”, algo de terra debaixo do alcatrão. /.../ (Fernández, 2012, pp. 20-21).

Com sabedoria e poesia, Alícia alerta-nos a desterrar/recuperar a alegria como critério de saúde na aprendizagem e na vida, pois “o contrário da alegria não é a tristeza, mas o aborrecimento”. O aborrecimento/tédio instala-se onde a alegria deixa um espaço vazio. Pode-se observar como as convicções a respeito da tristeza – tratada como depressão -, hiperatividade, déficit de atenção, entre outras “doenças”, são redimensionadas quando podemos contar com uma abordagem que olha para o ser humano a partir dele mesmo, de seu contexto relacional, da sociedade em que vive - com todas as transformações que sofre a cada minuto. É preciso refletir a respeito da afirmação: “psicopatologizar a tristeza é matar a alegria.” (Fernández, 2012, p. 17), para seguir pensando que

Ao patologizar e medicar as diversas “dores da alma” – como chama Roudinesco – rouba-se do sujeito o tempo necessário para superar a comoção que produzem os momentos de crise. As tentativas de cura através de psicofármacos correm o risco de atropelar o tempo psíquico que o sujeito necessita para recuperar sua capacidade de simbolização. (Fernández, 2012, p. 19).

Promover a emergência do humor relaciona-se a poder divertir-se aprendendo e, também, a considerar o humor como exercício de inteligência. “Há coisas que não se podem ensinar mas, não obstante, se aprende, como o jogar, o pensar e o humorizar.” (Fernández, 2001b, p. 143).

O sentido do humor nasce no espaço lúdico, transicional, que também é o espaço da aprendizagem. Para abrir esse espaço onde se possa aprender e jogar, o profissional necessita “autorizar-se a reencontrar seu espaço pessoal de aprender, jogar e humorizar.” (Fernández, 2001b, p. 143).

O profissional com senso de humor possibilita espaços de significação, promove perguntas, desperta a curiosidade, constrói o conhecimento, ao lado das pessoas que estão sob seu cuidado.

Humor e alegria que toda criança saudável possui e que também proporciona aos seus cuidadores, contanto que estes não tenham perdido a capacidade de amar e de brincar. É nesse espaço que se enraíza a inteligência e a linguagem humana, é onde a atividade atencional se desenvolve. (Fernández, 2012, pp. 55-56)

A autoria do pensamento alimenta-se do humorizar e é importante que se comunique o que se pensa – “é o humorizar(-nos) que nos abre a possibilidade de jogar com nossas ideias, já que jogar é crer e simultaneamente não crer que as coisas são o que queremos que sejam” (Fernández, 2012, p. 138). Poder divertir-se leva ao diferenciar-se, ao mesmo tempo que se pode ser semelhante na diferença, o que tem a ver com humorizar e humorizar-se – poder escolher e decidir o que pensar.

A experiência clínica psicopedagógica nos mostra que podemos considerar o surgimento do humor no aprendente<sup>1</sup> como um indicador do trabalho de curar-se. Um chiste, um sorriso cúmplice da inteligência de uma questão omitida. O humorizar vai mostrando já o início do desentrelaçamento da inteligência ou o começo da ruptura das defesas evitativas do pensar. (Fernández, 2001b, p. 139)

Acredito que práticas profissionais favorecedoras do desenvolvimento humano, ao longo de seu projeto de vida, modificam-se a cada ciclo social, científico, tecnológico ou outro. Algumas atitudes são elencadas e analisadas separadamente para melhor compreensão de uma prática não medicalizante.

Tudo no ser humano compõe um todo paradoxal, integrado, dinâmico, não linear, complexo, mutante..., o que é impossível apreendê-lo em rótulos ou categorias simplificadas. O olhar/escuta atentos, a promoção da capacidade de pensar, a oferta de tempo e espaço, a disponibilidade da alegria e do humor são “ferramentas” indispensáveis ao profissional que trabalha com o processo de aprendizagem em um enfoque não medicalizante. Ao desconhecer os temas da

---

<sup>1</sup> Com o termo “aprendente” estou tratando de nomear aquele que se costuma chamar de “paciente” ou “cliente”.

autoria, alegria e humor como possíveis critérios de saúde no processo de aprendizagem, o profissional perde possibilidades terapêuticas preciosas de desenvolvimento do outro e de si mesmo.

Para Alícia, o processo de aprendizagem envolve confiança e reconhecimento, pois “Aprendemos quando podemos confiar (nos outros, em nós e no espaço). Aprendemos com quem nos escuta. Aprendemos se nos escutamos. Aprendemos quando o ensinante nos reconhece (nos vê como pensantes).” (Fernández, 2001c, p. 219).

A obra de Alícia recebe influência de autores clássicos e contemporâneos, sendo observada em seus textos e nas referências que compõem as bibliografias de seus escritos. Autores como Piera Aulagnier, Sílvia Bleichmar, Daniel Calmels, Sigmund Freud, Jean Piaget, Sara Paín, Masud Khan, Maud Mannoni, Adam Phillips e Donald Winnicott, entre tantos outros, servem de fundamento e reflexão às suas ideias.

Finalizo assinalando que: “podem roubar-nos o direito a quase tudo, à comida, ao trabalho, a ter nossa casa, mas há algo que ninguém pode roubar-nos, somente nós mesmos, que é o direito a pensar, desejar e enunciar o que pensamos.” (Fernández, 2004, p. 10) - reflexão válida sempre, em especial agora, em tempos de Pandemia.

#### Referenciais:

Fernández, Alícia. *A atenção aprisionada: psicopedagogia da capacidade atencional*. Porto Alegre: Penso, 2012.

Fernández, Alícia. Alguien responderá? in Revista E.Psi.B.A. *Ante el dolor social: autorias grupales*. No 11/Mayo 2004.

Fernández, Alícia. *O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001 a.

Fernández, Alícia. *Psicopedagogia em psicodrama: morando no brincar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001 b.

Fernández, Alícia. *Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001c.

Fernández, Alícia. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.